

# OS CONSTITUINTES EXTRAFRASAIS NA GRAMÁTICA FUNCIONAL DE SIMON DIK

Sandra Denise GASPARINI-BASTOS<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo fazer algumas considerações sobre os elementos classificados por Dik (1989, 1997) como constituintes extrafrásais (ECCs). Procuramos especificar as propriedades comuns a todos os ECCs e levantar alguns problemas advindos da relação entre os constituintes extrafrásais e os elementos tradicionalmente conhecidos como satélites dentro da teoria da Gramática Funcional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Constituintes extrafrásais; satélites; Gramática Funcional; Gramática Funcional do Discurso.

## Introdução

Com o objetivo de descrever fatos lingüísticos dentro de um modelo funcionalista de análise, Dik (1989, 1997), em sua Teoria da Gramática Funcional (*The Theory of Functional Grammar*), apresenta alguns elementos denominados **constituintes extrafrásais** (*extra-clausal constituents*). De acordo com o autor, os constituintes extrafrásais apresentam as seguintes propriedades gerais:

podem preceder, interromper ou seguir a frase;  
são destacados da frase por mudanças na entoação (quando se trata de língua falada);  
não se submetem às regras gramaticais que operam dentro dos limites da frase, embora possam ser relacionados à frase por regras de correferência, paralelismo e antítese;  
não são essenciais à estrutura interna da frase, podendo ser retirados sem que a frase deixe de ser gramatical.

Tais constituintes, embora colocados em um mesmo grupo, apresentam características bastante diferenciadas, não apenas quanto à forma, que varia de uma simples interjeição a elementos com suposto estatuto de frase, mas também quanto à função.

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras Modernas - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP - 15054-000 - São José do Rio Preto - SP - Brasil. Endereço eletrônico: sandradg@ibilce.unesp.br

O grau de envolvimento dos constituintes extrafrasais com a frase adjacente também varia muito. Verificamos desde uma relação mais estreita, que desafia os limites de elementos intrafrasais, até uma relação mais distante, que só pode ser compreendida em níveis discursivos.

Nosso trabalho tem por objetivo fazer algumas considerações sobre os elementos apresentados como constituintes extrafrasais na proposta de Dik (1989, 1997). Procuramos explicitar a caracterização que o autor faz dos constituintes extrafrasais ao mesmo tempo em que levantamos alguns problemas existentes na relação entre eles e os satélites, elementos intrafrasais definidos como meios lexicais opcionais que acrescentam informação adicional a um dos níveis da frase.<sup>2</sup>

Dik (1997) classifica os constituintes extrafrasais (doravante ECCs)<sup>3</sup> de acordo com a posição que ocupam em relação à frase e também de acordo com a função que exercem. Levando-se em conta a posição, os ECCs podem ser *i*) absolutos ou livres, *ii*) pré-frasais, *iii*) internos ou parentéticos e *iv*) pós-frasais.

Segundo Dik (1997), alguns ECCs são mais restritos a uma determinada posição, enquanto outros podem ocorrer em duas ou em até três posições. Quanto às funções preenchidas pelos ECCs, estas podem ser de *i*) gerenciamento da interação, *ii*) especificação de atitude, *iii*) organização do discurso e *iv*) realização do discurso.

Ao apresentar sua classificação para os constituintes extrafrasais, Dik (1997) chama a atenção para o fato de que qualquer classificação esbarra na natureza multifuncional de muitos desses elementos. Segundo o autor, essa multifuncionalidade manifesta-se nas diferentes funções exercidas por alguns constituintes em diferentes contextos e nas várias funções que um mesmo constituinte pode ter simultaneamente na mesma ocorrência.

Muitos ECCs correspondem aos elementos que têm sido tradicionalmente descritos como marcadores discursivos dentro de um modelo de análise pragmático-discursivo.<sup>4</sup> Uma semelhança entre os marcadores discursivos e os ECCs consiste no fato de que um e outro não pertencem a uma categoria gramatical única, fator que dificulta a análise. Quanto às diferenças entre marcadores discursivos e ECCs, destaca-se o fato de que alguns marcadores discursivos podem estar sintaticamente integrados, ao passo que os ECCs não.

---

<sup>2</sup> A depender de sua relação com a estrutura em camadas da frase, os satélites podem ser de predicado ( *1* ), de predicção ( *2* ), de proposição ( *3* ) e de ilocução ( *4* ).

<sup>3</sup> Optamos por manter a abreviação proposta por Dik (1989, 1997) para *extra-clausal constituents*.

<sup>4</sup> Entre os estudos sobre marcadores discursivos, destacam-se os trabalhos de Schourup (1985) e Schiffrin (1987). Para o português, destacamos, entre outros, os trabalhos de Koch (1992), Rosa (1992), Silva e Macedo (1996), Risso et al. (1996), Marcuschi (1997) e Urbano (1999).

## Funções dos constituintes extrafrasais

Os constituintes extrafrasais são apresentados por Dik (1997), conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 - Os constituintes extrafrasais

FUNÇÃO	TIPOS
Gerenciamento da Interação	Fórmulas de saudação e de despedida Chamamentos Endereçamentos Respostas mínimas Formas de polidez
Especificação de Atitude	Interjeições
Organização do Discurso	Marcadores de fronteira Marcadores de orientação (tema, condição e cenário) Antitema
Realização do Discurso	Respostas (respostas completas e iniciadores de resposta) Partículas do tipo <i>tag</i>

Apresentamos, a seguir, mais detalhadamente, a classificação dos constituintes extrafrasais proposta por Dik (1997), exemplificando as formas mais comuns de cada função. Citamos, também, como esses elementos vêm sendo tratados por outros autores. Os exemplos que apresentamos para cada caso são traduções dos exemplos oferecidos por Dik (1997).

### ECCs responsáveis pelo gerenciamento da interação

Incluem-se nesse grupo os constituintes extrafrasais responsáveis pela criação e manutenção das condições interacionais que precisam ser preenchidas para que um evento discursivo seja implementado. Entre eles estão as fórmulas de saudação e de despedida, os chamamentos, os endereçamentos, as respostas mínimas e as formas de polidez.

Por meio das **fórmulas de saudação**, o falante reconhece a presença do ouvinte e assegura sua disposição em participar do evento discursivo (*Olá! Oi!*); as **fórmulas de despedida** desempenham um papel essencial no fechamento da maioria dos tipos de eventos discursivos.

Os **chamamentos** servem para atrair a atenção de algum potencial ouvinte, indicando que o falante gostaria de dizer algo a ele, como em:

(01) ***Ei você aí, qual o seu nome?***

Romero Trillo (1997), que estudou alguns mecanismos para chamar a atenção do ouvinte na conversação, usando dados do espanhol e do inglês, designa os elementos desse grupo como "continuativos". Entre os elementos capazes de exercer essa função, o autor destaca particularmente verbos de capacidade visual na forma imperativa, como *look* (inglês) e *mira* (espanhol), mais frequentes na fala do que verbos de capacidade auditiva.

Os **endereçamentos** assinalam explicitamente a quem se dirige a declaração, como ocorre com os termos *João* e *Maria* nos exemplos a seguir:

(02) *João, você poderia me dar uma mão, por favor?*

(03) *Eu não acho que você poderia fazer isso, Maria.*

As línguas podem ter tipos especiais de endereçamento, sendo o vocativo um exemplo disso.

Fraser (1990, p. 391) considera que os vocativos codificam uma mensagem paralela inteira e identificam os indivíduos a quem o enunciado é dirigido, mas não assinalam uma relação discursiva como fazem os marcadores discursivos. Para o autor, os vocativos enquadram-se, de uma maneira bastante genérica, nos seguintes tipos:

apelações convencionais: *João, senhor presidente, mamãe...*

nome de ocupação: *garçom, doutor, motorista...*

epítetos: *querida, docinho...*

formas pronominais: *você, alguém...*

As **respostas mínimas** assinalam que o ouvinte está pronto e disposto a participar da interação e que está prestando atenção no que o falante diz. Segundo Reid (1995, p. 494), "as respostas mínimas são indicadores verbais e não-verbais da co-participação de uma pessoa na conversação". Elas tipicamente assinalam concordância e não contam como turnos na conversação, nem como tentativas de obtenção do turno.<sup>5</sup> São elementos "retroalimentadores" da conversação. Os casos mais comuns são *sim, não, mhm, ahã*.

Marcuschi (1997) chama esses elementos de "sinais de assentimento ou discordância", produzidos por um dos participantes da interação durante o turno do outro. Para Vigara Tauste (1992), as respostas mínimas consistem em "expressões verificativas", cujo uso por parte de um dos falantes não interrompe o fio discursivo do outro, mas serve para animá-lo a continuar falando, daí sua função "facilitadora", de acordo com Reid (1995).

---

<sup>5</sup> Definimos *turno*, de acordo com Marcuschi (1997, p. 89), como "a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio, que é significativo e notado".

Entre as **formas de polidez** incluem-se os constituintes extrafrasais que assinalam pedidos de desculpas, como *desculpe-me*, no exemplo a seguir, além das ocorrências de *por favor*:

(04) *Desculpe-me, eu posso ter uma palavra com o senhor?*

### **ECCs responsáveis pela especificação de atitude**

Representados basicamente por **interjeições**, os ECCs de especificação de atitude simbolizam o estado emocional do falante, como em:

(05) *Ai, meu dedo!*

(06) *Dane-se!*

(07) *Viva!*

Esses elementos expressivos podem ocorrer sozinhos ou integrados em um evento discursivo mais amplo.

Embora as interjeições apareçam, em muitas classificações, como marcadores discursivos, Fraser (1990) considera que o significado das interjeições e o dos marcadores discursivos diferem significativamente. Segundo o autor, as interjeições apenas compartilham certas propriedades com os marcadores discursivos: são gramaticalmente periféricas e podem conter segmentos fonológicos que não aparecem em itens lexicais. Uma interjeição não é parte de uma sentença, mas uma expressão<sup>6</sup> que codifica uma mensagem inteira envolvendo o estado emocional do falante.

Vigara Tauste (1992), analisando dados do espanhol falado, faz uma diferenciação entre interjeições "próprias" e interjeições "impróprias". As interjeições "próprias" (como *ah, ai, oh*) são termos que carecem de um significado intelectual e se fixam estereotipados na língua. As "impróprias" são elementos (substantivos, verbos, frases) que perderam seu significado semântico e, como as anteriores, servem para o desabafo emocional momentâneo (*Deus!, Dá-lhe!, Minha mãe!, Será possível!*).

### **ECCs responsáveis pela organização do discurso**

Os extrafrasais de organização do discurso são responsáveis pela organização, estruturação e apresentação do conteúdo do discurso. Compreendem três subgrupos de funções pragmáticas: os **marcadores de fronteira**, os **marcadores de orientação** e o **antitema**.

Os **marcadores de fronteira** envolvem os meios que podem ser usados para assinalar o começo, o fim e a articulação interna do discurso

---

<sup>6</sup> Embora a interjeição seja usualmente representada por uma palavra, nem sempre isso ocorre.

como um todo. Entre os marcadores de fronteira estão os iniciadores, capazes de abrir um novo discurso, um novo episódio do discurso ou um novo turno na conversação, como *bem*, no exemplo:

(08) ***Bem, senhoras e senhores, podemos começar o jogo?***

Além dos iniciadores, estão entre os marcadores de fronteira os alteradores de tópico (como *a propósito*), os marcadores de entrada e os finalizadores, que podem indicar o fim de uma conversação ou de um tópico dela.

Downing e Martínez Caro (1998), analisando dados do inglês falado, verificam que os marcadores mais freqüentes na introdução de um novo tópico são *well (bem)* e *now (agora)*, cuja utilização, preferencialmente no início da unidade tonal, tende a coincidir com uma mudança de turno. As autoras observam que, de um modo geral, a introdução de tópico é mais marcada, em termos de uma maior freqüência de marcadores, do que o fechamento de tópico.

Os **marcadores de orientação** fornecem certas coordenadas que precisam ser fixadas a um enunciado, a fim de que este forneça uma contribuição coerente ao discurso. Há vários tipos de orientadores, como **tema, condição** e **cenário** (relacionado a tempo, lugar e outros circunstanciais). Esses elementos tipicamente precedem a frase, orientando um suposto ouvinte para a interpretação do conteúdo enunciado.

O **tema** especifica um conjunto de entidades em relação ao qual a frase seguinte apresenta alguma informação relevante. No exemplo

(09) ***Quanto aos estudantes, eles não serão convidados.***

pode-se entender a estratégia de apresentar alguma coisa (no caso, os *estudantes*) sobre a qual alguma informação vai ser produzida (*eles não serão convidados*).

O que Dik (1981, 1989) chama de *tema* é freqüentemente referido na literatura como *tópico*.<sup>7</sup> No entanto, o autor faz uma separação entre tema (extrafrasal) e tópico (intrafrasal), considerando que um constituinte com função pragmática *tópico* apresenta uma entidade sobre a qual a predicação diz algo no cenário dado. O exemplo a seguir mostra a ocorrência de tema e de tópico:

(10) ***Quanto a Paris, a Torre Eiffel é realmente espetacular.***

No exemplo, o tema *Paris* especifica o domínio ou o universo do discurso em relação ao qual a predicação subsequente apresenta alguma

---

<sup>7</sup> Muitos autores referem-se ao tema como tópico, não fazendo distinção entre as categorias. O trabalho de Ilari (1992) é uma referência para a compreensão do tema dentro de uma perspectiva diferente da apresentada por Dik.

informação relevante (*tema*). Por outro lado, a predicação não se refere diretamente a *Paris*, mas a *Torre Eiffel*, constituinte que tem a função de tópico dentro da predicação.

O tema precede a frase completa, sendo incomum em posições parentéticas. Uma das evidências de que está realmente fora da frase é a possibilidade de ter seu próprio estatuto ilocucionário.<sup>8</sup> No exemplo (11),

(11) **Meu irmão?** *Eu não vejo ele há anos.*

enquanto a frase tem um valor ilocucionário declarativo, o tema tem um valor ilocucionário interrogativo. Com a possibilidade de atribuição de valores ilocucionários diferentes ao tema e à frase, reforça-se a caracterização do tema como extrafrasal, já que uma mesma frase não pode ter dois valores ilocucionários ao mesmo tempo.

De um modo geral, conforme aponta Dik (1997), o tema aparece freqüentemente em forma absoluta, sem marcas de qualquer tipo de função sintática ou semântica. O falante produz um tema antes de ter uma idéia clara do tipo de frase que irá produzir. O autor confirma que o tema não é derivado da frase; antes, esta se ajusta ao tema.

Downing (1997) analisa o tema no espanhol falado e discute alguns elementos capazes de fazer uma separação entre o tema e a frase adjacente. Entre eles estão a vírgula (na língua escrita), a pausa entoacional (na língua falada) e as intervenções sintáticas. Em seus dados, a autora identifica dois tipos principais de intervenções sintáticas: o encaixamento (exemplo (12)) e a clivagem (exemplo (13)):

(12) *El Ateneo, me parece que pilla más arriba.*  
(O Ateneu, me parece que fica mais pra cima.)

(13) *La neurología, lo que estudia son tumores.*  
(A neurologia, o que estuda são tumores.)

A **condição**, que se realiza por meio de uma oração subordinada condicional, constitui outro dos elementos apresentados como marcadores de orientação. As propriedades características dos extrafrasais que se verificam nas orações condicionais, segundo Dik (1997), são a pausa prosódica entre a primeira e a segunda oração e a presença de um elemento resumidor como *então* iniciando a segunda oração. Vejamos o exemplo:

(14) **Se João é rico,** *então ele pode nos ajudar.*

---

<sup>8</sup> Dik (1989, 1997) considera que em todas as línguas existem tipos especiais de sentenças, as Declarativas, Interrogativas, Imperativas e Exclamativas. Essas são as ilocuições básicas distinguidas nas línguas naturais.

Na visão do autor, a oração subordinada *Se João é rico* pode ser considerada extrafrasal por estar separada da segunda oração por meio de uma pausa e também porque a segunda oração se inicia por *então*. Isso nos parece curioso, pois a relação estabelecida por *se...então*, a nosso ver, fortalece o vínculo entre a primeira e a segunda oração e não há nenhuma razão evidente para tratar a subordinada como um elemento extrafrasal.

Mesmo quando a relação *se...então* (*if...then*) não está explícita - exemplo (15) -, não consideramos a pausa elemento suficiente para classificar a subordinada como extrafrasal:

(15) *Se chover, as ruas ficarão molhadas.*

Condicionais como as do exemplo (15) já haviam sido classificadas por Dik et al. (1990) como satélites de proposição. Como confirma Wakker (1992, p. 378), uma vez que as *if clauses* especificam uma condição para a realização do estado-de-coisas designado pela oração principal, elas estão claramente relacionadas ao nível proposicional da frase e são, desse modo, satélites de proposição ( 3).

Dessa forma, não acreditamos haver elementos suficientes para justificar a inclusão das condicionais entre os extrafrasais.

Neves (2003) chama a atenção para a existência de orações condicionais responsáveis pela criação de molduras que ficam vazias, como

(16) *Quer me dizer o... senhor pergunte para o Delegado. **Se fosse por mim...** Eu tenho coração de manteiga.*

(17) ***Ah, se fosse sempre assim!***

(18) ***Ah, se eu voltasse...***

que parecem corresponder aos extrafrasais de posição absoluta propostos por Dik (1997). No entanto, segundo a autora, "fica extremamente difícil estabelecer a fronteira que há de delimitar o estatuto 'frasal' ou 'extrafrasal' de um constituinte adverbial componente de estrutura hipotática" (DIK, 1997, p. 134). Para que essas orações condicionais sejam tratadas como constituintes extrafrasais e não mais como satélites, faz-se necessária uma revisão do modo de apresentar-se o estatuto dos elementos classificados como satélites na estrutura da predicação.

A noção de **cenário** restringe-se às coordenadas de tempo e de lugar definidas explicitamente ou implicitamente no discurso. É possível escolher entre a especificação de tempo (exemplo (19)), de lugar (exemplo (20)), ou de ambos (exemplo (21)):

(19) ***No início da primavera,** João se sentiu mal.*

(20) ***Em Paris,** João se sentiu mal.*

(21) ***Em Paris, no início da primavera, João se sentiu mal.***

Elementos indicadores de tempo e de lugar já haviam sido tratados por Dik (1989) como satélites de predicação (nível 2). Por essa razão, a classificação desses elementos como constituintes extrafrasais também nos parece duvidosa.

Os elementos que atuam como **antitema** acrescentam partes de informação que podem ser relevantes para uma melhor compreensão da frase. A informação apresentada serve para esclarecer ou modificar algum constituinte da frase com a qual o antitema se associa. No exemplo

(22) ***Ele é um belo rapaz, seu irmão.***

o antitema *seu irmão* acrescenta uma especificação ao termo *rapaz*, já contido na frase. Especiais na linguagem falada, os antiteemas são usualmente precedidos de pausa e representam uma estratégia conversacional de reparo. De acordo com Koch (1999), o antitema pode tirar a ambigüidade do enunciado, contribuindo para uma melhor interpretação do texto e para a construção de sua coerência.

Diferentemente da maioria dos constituintes extrafrasais, o antitema ocorre tipicamente após a frase, uma vez que ele fornece alguma informação adicional pertencente à interpretação da frase como um todo. Entretanto, como o antitema pode ainda trazer informação adicional sobre um constituinte específico, é possível que ele ocorra como inserção parentética dentro da frase, como em:

(23) ***Ele fingiu que foi lá - na biblioteca - que tudo aconteceu.***

Nesse exemplo, o antitema *na biblioteca* especifica o sentido de *lá*, fornecendo uma informação mais explícita ao ouvinte.

Aijmer (1989), que analisou antiteemas no inglês falado, considera que o antitema não é usado somente para identificar um referente discursivo, mas que o falante pode utilizá-lo para estabelecer uma função social secundária, a de criar intimidade entre os participantes na situação de comunicação.

### **ECCs responsáveis pela realização do discurso**

Os elementos extrafrasais apresentados como responsáveis pela realização do discurso desempenham um papel na expressão do real conteúdo do discurso. Entre eles estão as respostas e as partículas do tipo *tag*.

As **respostas** são elementos produzidos em reação àquilo que outro participante da interação está dizendo ou disse. Compreendem as respostas completas e os iniciadores de resposta.

As **respostas completas** são os meios pelos quais o falante assinala acordo ou desacordo (total ou parcial) com o que outro disse. Diferentemente das respostas mínimas, as respostas completas contam como turnos, sozinhas, ou combinadas com material adicional do mesmo falante. Entre os casos que podem ocorrer como um turno completo, o autor apresenta as formas: *sim, não, talvez, certamente, certamente não, é, não é, certamente é*.

Os **iniciadores de resposta** são elementos que sozinhos não constituem uma resposta completa, mas servem para introduzir a reação do falante ao que outro disse. O exemplo

- (24) A. *Que tal vir por esse caminho?*  
B. **Bem**, não, eu estou supervisionando aqui.

mostra que os iniciadores de resposta, como *bem*, e a resposta completa, como *não*, podem combinar-se.

Jucker (1993), de uma perspectiva textual-interativa, considera *well* (*bem*) um marcador discursivo que apresenta usos distintos, porém relacionados a um significado nuclear.<sup>9</sup> O autor distingue quatro usos principais de *well*:

- marcador de insuficiência, que indica alguns problemas no nível do conteúdo do enunciado corrente ou precedente;
- atenuador no tratamento da face<sup>10</sup> que indica alguns problemas no nível interpessoal;
- indicador de mudança de tópico ou introdutor de fala direta relatada;
- mecanismo de protelação.

Em todos os casos, *well* assinala o modo pelo qual o enunciado seguinte pode ser processado pelo ouvinte, indicando que "o contexto criado por um enunciado pode não ser o mais relevante para a interpretação do próximo enunciado" (JUCKER, 1998, p. 450).

Schiffrin (1987) considera que o uso de *well*, assim como o de outros marcadores discursivos, não está necessariamente baseado em seu significado semântico ou em seu estatuto gramatical. Nos vários estudos desse marcador, *well* tem sido chamado de "interjeição", "preenchedor", "partícula", "marcador de hesitação" e "iniciador". Sua função característica, segundo a autora, é como marcador de resposta: *well* ancora seu uso numa troca conversacional quando as opções oferecidas em um

<sup>9</sup> As considerações que fazemos aqui sobre *well, bien, bueno, bom* valem tanto para a função de início de conversação (marcadores de fronteira, segundo Dik) como para a função de início de resposta.

<sup>10</sup> Definimos *face*, de acordo com Goffman (1974), como a expressão social do "eu" individual. Os recursos de proteção à face ocorrem em virtude de uma informação ou de uma revelação que possa prejudicar, de algum modo, os interlocutores.

primeiro enunciado para a coerência de uma resposta que virá não são precisamente seguidas.

No espanhol, os correspondentes de *well* podem ser *bien* e *bueno*, que apresentam funções semelhantes às identificadas por Jucker (1993) para o inglês. Cepeda e Poblete (1996), que analisaram o marcador conversacional *bueno* no espanhol do Chile, indicam que tal elemento permite que o falante se conceda um tempo para responder ou crie um suspense para o que vai dizer. Para Fuentes Rodríguez (1995), *bueno*, além de marcar o início de uma intervenção, unindo a pergunta à resposta, pode atenuar o que vai ser dito. O marcador *bien* também é analisado por Fuentes Rodríguez no espanhol falado de Sevilha. Segundo a autora, o uso de *bien* permite ao falante iniciar um novo aspecto na conversação ou separar aspectos diferentes do mesmo assunto.

Risso (1999), analisando dados do português falado, inclui entre os iniciadores de resposta os marcadores *olha* e *ah*, os quais funcionam fundamentalmente para manter aberto o canal de interlocução, enquanto se procura o feitiço da resposta propriamente dita. Mediante o uso de *olha*, o conteúdo da resposta é dirigido diretamente para o interlocutor, cuja participação é requerida, enquanto o foco de *ah* incide com mais frequência no próprio locutor. No caso das formas *bem* e *bom*, a autora verifica que esses marcadores têm sua orientação voltada fundamentalmente para a informação a ser provida pelo locutor.

Silva e Macedo (1996) consideram o marcador *bom*, em início de turno, um atenuador, ligado às funções de polidez.

As **partículas do tipo tag**, tipicamente separadas da frase por uma pausa prosódica, são capazes de converter a ilocução básica da frase precedente em uma outra ilocução, como o exemplo

(25) *Está muito quente aqui, não?*

em que a ilocução básica declarativa é convertida em interrogativa por meio da partícula *não*.

Norrick (1995) considera que o uso de *tags* pode marcar a incerteza do falante, na medida em que apela para a confirmação do ouvinte.

Fuentes Rodríguez (1990), de uma perspectiva pragmático-discursiva, considera alguns tipos de *tags* (como os casos de *¿verdad?* e *¿no?* do espanhol) unidades que têm por função apelar ao ouvinte, chamando sua atenção. Esse chamar a atenção do outro, segundo a autora, orienta-se para a "continuação" da comunicação.

No português falado, as formas mais comuns de *tags*, conforme levantamento feito por Urbano (1999), são *não?*, *não é?*, *não é verdade?* e *né?*, esta última com grande frequência de uso.

## Caracterização dos ECCs a partir da proposta de Dik (1997)

Além das características apontadas por Dik (1989, 1997) para os constituintes extrafrasais, julgamos conveniente acrescentar algumas características que permitem explicitar o comportamento desses elementos. Assim, complementando as propriedades propostas por Dik para os constituintes extrafrasais, consideramos que os ECCs:

são destacados da frase por uma pausa entoacional (na língua falada) e por pausas gráficas (na língua escrita);  
não interferem nas regras gramaticais que operam dentro dos limites da frase, embora possam ter alguma marca dentro dela (como o tema, por exemplo);  
podem preceder, seguir ou interromper uma frase, embora nem todos os constituintes possam ocorrer em todas as posições; como observamos, o antitema só pode aparecer em posição intermediária ou final e o tema só se configura em posição inicial.

A última propriedade geral apresentada por Dik - possibilidade de que os ECCs sejam retirados sem afetar a gramaticalidade da frase - não é suficiente para a determinação do estatuto dos extrafrasais, já que também é uma característica dos satélites. A diferença é que os constituintes extrafrasais têm uma atuação no discurso, o que nos permite acrescentar uma última propriedade:

são elementos que, embora estejam adjacentes à frase, só são compreendidos no nível do discurso.

Dentro do grupo dos ECCs proposto por Dik (1997), identificamos elementos que mantêm algum vínculo com a frase e outros completamente independentes.<sup>11</sup> Para esclarecer tais comportamentos, baseamo-nos em dois traços: i) relação do elemento extrafrasal com outros elementos no interior da frase adjacente; ii) posição do elemento extrafrasal com respeito à frase adjacente.

Com relação ao primeiro traço que apontamos, os ECCs de organização do discurso (**tema** e **antitema**) mantêm uma relação mais estreita com a frase, por terem um elemento correferencial dentro dela.

Os ECCs de realização do discurso (**tags** e **respostas**) não deixam marcas sintáticas na frase adjacente, mas não são completamente desprovidos de um vínculo com a frase. Os *tags* caracterizam-se por modificar o valor ilocucionário da frase precedente, e as respostas do tipo *sim* e *não* servem como elementos que por vezes unem a pergunta à explicação contida na frase subsequente à resposta.

<sup>11</sup> Estamos desconsiderando na análise as orações condicionais e as marcas de cenário, elementos cuja inclusão entre os extrafrasais nos parece duvidosa, como já apontamos.

Diferentemente dos ECCs responsáveis pela organização e pela realização do discurso, os ECCs de gerenciamento da interação (saudações, chamamentos, endereçamentos) mantêm pouco ou nenhum vínculo com a frase adjacente. Em algumas circunstâncias, os chamamentos podem ser seguidos por uma frase na qual se explicita a quem tais expressões se referem - exemplo (26) - mas nem sempre isso ocorre:

(26) *Ei, o que você acha disso?*

Por fim, os ECCs de especificação de atitude, representados pelas interjeições, são completamente desvinculados da frase.

O segundo traço que usamos para caracterizar os ECCs diz respeito à posição que esses elementos comumente ocupam em relação à frase.

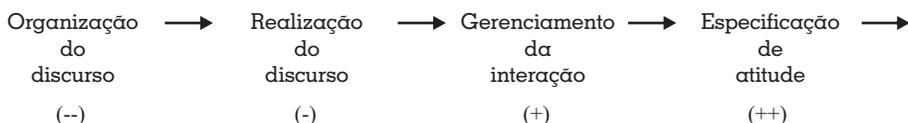
Mais uma vez, podemos observar que os ECCs de organização do discurso são mais dependentes da frase. O tema e o antitema só se caracterizam como tais por se localizarem, respectivamente, à esquerda e à direita da frase. O tema precisa da frase subsequente para ter seu sentido explicitado e o antitema existe para explicitar, ele mesmo, o sentido de um elemento contido no interior da frase antecedente.

Entre os ECCs de realização do discurso, observamos que as respostas, pela função discursiva que desempenham, são mais comuns em posição inicial. Já os *tags* são característicos de posição final.

Os ECCs de gerenciamento da interação são mais livres, embora algumas formas, como chamamentos e endereçamentos, caracterizem-se por antecederem a frase. Já os ECCs de especificação de atitude são formas completamente livres.

Para representar a caracterização dos ECCs, a partir da sua relação com a frase, propomos a elaboração de um *continuum*, que vai do elemento com menos traços de extrafrasal ao elemento com mais traços (pouca ou nenhuma relação com a frase e liberdade de posição):

Esquema 1 - Caracterização dos ECCs a partir da relação com a frase



### Problemas identificados na caracterização dos ECCs

Num primeiro momento, chama-nos a atenção a relação, ora mais explícita, ora menos evidente, do constituinte extrafrasal com a frase. Às propriedades gerais dos constituintes extrafrasais sempre os caracterizam em relação a uma frase a qual podem preceder, interromper ou seguir -, da

qual se destacam, com a qual não compartilham regras gramaticais, etc. Ou seja, o constituinte extrafrasal caracteriza-se a partir da frase, o que se converte num problema, pois formalmente ele é definido em cotejo com a frase, e, funcionalmente, sua atuação se dá num plano discursivo.

Além disso, há algumas superposições na caracterização dos satélites e dos constituintes extrafrasais. Podemos considerar que os satélites e os extrafrasais são elementos lexicais opcionais à estrutura com a qual se relacionam. Enquanto na classificação da frase proposta por Dik (1989) os satélites estão na predicação nuclear, na predicação central, na proposição ou na frase, os constituintes extrafrasais estão fora de todos esses níveis, podendo manter ou não uma relação de adjacência com a frase.

De acordo com Dik et al. (1990), os satélites podem ter diferentes graus de complexidade interna. Como exemplo, os autores citam alguns tipos de satélites de predicação ( ), os quais não diferem quanto à camada em que se localizam, mas diferem quanto à sua complexidade interna. Assim, podemos ter:

complexidade de um predicado, como **repetidamente** em *João encontrou Pedro repetidamente*, que designa uma propriedade ("repetição") do estado-de-coisas descrito;

complexidade de um termo, como **na plataforma** em *João encontrou Pedro na plataforma*, que designa uma entidade ("a plataforma") na qual o estado-de-coisas descrito é situado;

complexidade de uma predicação, como **após sair do trem** em *João encontrou Pedro após sair do trem*, que designa um estado-de-coisas ("a saída de João do trem") em relação ao qual o estado-de-coisas descrito é localizado no tempo;

complexidade de uma proposição, como **porque queria conversar com ele** em *João encontrou Pedro porque queria conversar com ele*, que designa o conteúdo proposicional ("eu quero falar com Pedro") que motivou a ocorrência do estado-de-coisas descrito.

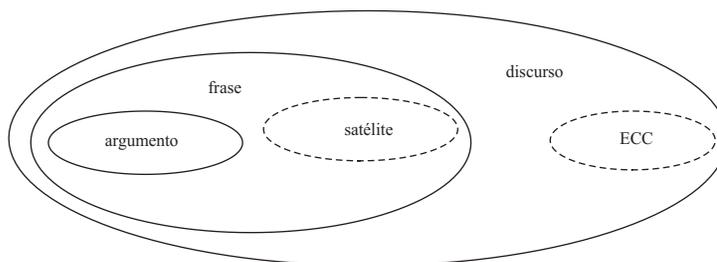
Segundo Dik et al. (1990), assim como os satélites de predicação, também os satélites de predicado, os de proposição e os ilocucionários podem ter vários tipos de complexidade interna.

Da mesma forma que os satélites, os constituintes extrafrasais também diferem bastante quanto à sua complexidade interna, podendo representar-se por formas que variam de uma simples interjeição até uma frase inteira. Nesse domínio, eles abrangem formas que também podem atuar como satélites. Assim, verificamos que a diferenciação entre satélites e constituintes extrafrasais só é possível, em muitos contextos, pela

identificação da estrutura com a qual eles se relacionam. Enquanto os constituintes extrafrásais se relacionam com o discurso como um todo, o satélite, mesmo estando dentro do discurso, é identificado a partir de uma relação direta com a frase.

Para estabelecer uma relação entre os elementos intrafrásais e os elementos extrafrásais, propomos o seguinte esquema:

Esquema 2 - A relação entre os elementos intra e extrafrásais



Os argumentos e os satélites estão dentro do domínio da frase. Os constituintes extrafrásais estão fora da frase e dentro apenas do domínio do discurso. O traço contínuo refere-se aos elementos essenciais, os argumentos. O traço pontilhado representa os elementos opcionais, como os satélites e os ECCs. Representamos a frase por meio de traços pontilhados porque, dentro do domínio discursivo, não há obrigatoriedade de que a comunicação se realize apenas por frases completas, mas ela pode ocorrer mediante o uso de partes da frase ou por meio de elementos que estão fora da frase, como as interjeições, por exemplo.

A relação entre satélites e ECCs fica mais clara quando saímos da estrutura da frase para a estrutura do discurso. Acreditamos que o uso de um mesmo elemento como satélite ou como ECC atende aos propósitos comunicativos do falante no interior do discurso. É a intenção comunicativa do falante que determina a expressão de um elemento como satélite ou como extrafrásal.

Assim, acreditamos que a Gramática Funcional da frase não é suficiente para explicar o funcionamento de elementos que têm uma marcada função discursiva. Dessa forma, julgamos necessária a adoção de um novo modelo de análise, a Gramática Funcional do Discurso, para a compreensão do comportamento de elementos como os constituintes extrafrásais.

## Considerações finais

A partir da classificação proposta por Dik (1997) para os constituintes extrafrasais, lembramos alguns estudos que se ocuparam desses elementos numa perspectiva textual-interativa. Como foi possível observar, muitos dos elementos classificados por Dik como constituintes extrafrasais correspondem aos marcadores discursivos, elementos que têm um importante papel no funcionamento do discurso.

Observando todos os elementos apresentados como ECCs pelo autor, discordamos da inclusão das orações condicionais entre eles. Como tais orações eram, até então, tratadas na teoria como satélites, julgamos que qualquer conclusão no sentido de considerá-las extrafrasais requeria uma revisão do estudo dos satélites.

Considerando os quatro grupos de ECCs propostos por Dik (1997), *gerenciamento da interação, especificação de atitude, organização do discurso e realização do discurso*, propusemos um *continuum*, com base na relação entre o extrafrasal e a frase adjacente, e na liberdade posicional de alguns ECCs.

Assim, os extrafrasais de especificação de atitude e os de gerenciamento da interação mantêm pouco ou nenhum vínculo com a frase adjacente (quando existente), enquanto os extrafrasais de realização do discurso e os de organização do discurso se distanciam menos. Os traços que consideramos na elaboração desse *continuum* valem para todos os ECCs.

Entre os problemas que identificamos no estudo dos ECCs, destacamos o fato de esses elementos serem caracterizados sempre em dependência de uma frase adjacente (nem sempre presente) e também a dificuldade de separar satélites e ECCs.<sup>12</sup>

Como vimos, os extrafrasais não possuem uma forma fixa. A variedade de formas que pode apresentar um ECC corresponde, em grande parte, à variedade de formas que os satélites podem ter.

A princípio, a separação entre satélites e ECCs justifica-se pela diferença de estruturas às quais esses elementos se relacionam: enquanto os satélites pertencem ao nível da frase,<sup>13</sup> os ECCs pertencem ao nível do discurso.

Acreditamos que uma das principais dificuldades em considerar um elemento como satélite ou como constituinte extrafrasal deve-se à existência de elementos de mesmo valor semântico que, quando deslocados da estrutura da frase, podem deixar de ser satélites para atuar como ECCs.

---

<sup>12</sup> O próprio termo *constituente extrafrasal* para designar um elemento que não faz parte da estrutura é, no mínimo, curioso. Entretanto, o termo é mantido em nosso trabalho pela tradição que ele tem na teoria.

<sup>13</sup> Não podemos esquecer que o termo *frase*, aqui, corresponde à quarta camada proposta por Dik (1989), que já inclui o ato de fala.

A necessidade de explicar casos como esse leva-nos a reconhecer a necessidade de buscar auxílio na Gramática Funcional do Discurso, modelo que vem sendo recentemente elaborado por vários teóricos da Gramática Funcional de linha holandesa.

GASPARINI-BASTOS, S. D. The extra-clausal constituents in Simon Dik's Functional Grammar. *Alfa*, São Paulo, v.49, n.1, p.103-121, 2005.

*ABSTRACT: In this paper we offer some considerations about those elements that Dik (1989, 1997) classifies as extra-clausal constituents. We try to specify the properties shared by all the ECCs and to point out the problems arising from the relationship between ECCs and those elements usually known as satellites in Functional Grammar Theory.*

*KEYWORDS: Extra-clausal constituents; satellites; Functional Grammar; Functional Discourse Grammar.*

## Referências bibliográficas

- AIJMER, K. Themes and tails: the discourse functions of dislocated elements. *Nordic Journal of Linguistics*, n. 12, p.137-154, 1989.
- CEPEDA, G.; POBLETE, M. T. Marcadores conversacionales: función pragmática y expresiva. *Estudios Filológicos*, n. 31, p.105-117, 1996.
- DIK, S. C. *Functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1981.
- \_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989. Pt.1.
- \_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997. Pt.2.
- DIK, S. et al. The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (Ed.). *Layers and levels of representation in language theory: a functional view*. Amsterdam: John Benjamins, 1990. p.25-70.
- DOWNING, A. Discourse pragmatic functions of the theme constituent in spoken European Spanish. In: CONNOLY, J. et al. (Ed.). *Discourse and pragmatics in functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. p.137-161.
- DOWNING, A.; MARTÍNEZ CARO, E. Signalling discourse topic boundaries: extra-clausal constituents in English. 1998. Comunicação apresentada na 8<sup>th</sup>. ICFG - 8<sup>th</sup> International Conference on Functional Grammar. Amsterdam: Faculteit der Letteren, Vrije Universiteit, 6-9 Jul. 1998. (Não publicado)
- FRASER, B. An approach to discourse markers. *Journal of Pragmatics*, n.14, p. 383-395, 1990.
- FUENTES RODRÍGUEZ, C. Apéndices con valor apelativo. In: CARBONERO,

- P; PALET, T. *Sociolingüística andaluza* 5. Sevilla: Publicaciones de la Universidad, 1990. p. 171-196.
- FUENTES RODRÍGUEZ, C. Modalidad y conexión en el español coloquial. *Español actual*, n. 63, p. 5-24, 1995.
- GOFFMAN, E. *Les rites d'interaction*. Paris: Minuit, 1974.
- ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- JUCKER, A. H. The discourse marker *well*: a relevance-theoretical account. *Journal of Pragmatics*, n. 19, p. 435-452, 1993.
- KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- \_\_\_\_\_. Segmentação: uma estratégia de construção do texto falado. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado 7: novos estudos*. São Paulo: Humanitas; Campinas: UNICAMP, 1999. p. 29-52.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- NEVES, M. H. M. A extensão da análise dos elementos adverbiais para além da oração. *Revista da ANPOLL*, n. 14, p. 125-137, 2003.
- NORRICK, N. R. Hunh-tags and evidentiality in conversation. *Journal of Pragmatics*, n. 23, p. 687-692, 1995.
- REID, J. A study of gender differences in minimal responses. *Journal of Pragmatics*, n. 24, p. 489-512, 1995.
- RISSE, M. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura *bom, bem, olha, ah*, no português culto falado. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado 7: novos estudos*. São Paulo: Humanitas; Campinas: UNICAMP, 1999. p. 259-296.
- RISSE, M. S. et al. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado 6: desenvolvimentos*. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. p. 21-94.
- ROMERO TRILLO, J. Your attention, please: pragmatic mechanisms to obtain the addressee's attention in English and Spanish conversations. *Journal of Pragmatics*, n. 28, p. 205-221, 1997.
- ROSA, M. M. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SCHOURUP, L. *Common discourse particles in English conversation: like, well, y'know*. New York: Garland, 1985.
- SILVA, G. M. O.; MACEDO, A. T. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C. N.; MOLLICA, M. C. (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.
- URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado 7: novos estudos*. São Paulo: Humanitas; Campinas: UNICAMP, 1999. p. 195-258.
- VIGARA TAUSTE, A. M. *Morfosintaxis del español coloquial*. Madrid: Gredos, 1992.

WAKKER, G. Conditionals in the layered structure of functional grammar. In: FORTESCUE, M.; HARDER P; KRISTOFFERSEN, L. (Ed.). *Layered structure and reference in a functional perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 369-386.